

## O MODERNISMO NA LITERATURA EM 1928

Antônio de Alcântara Machado<sup>1</sup>

*A República*, Natal, 27 Jan. 1929, p. 02

Fazendo um resumo do ano de 1927 afirmou Tristão de Athayde que não havia sido desperdiçado mas disperso. A este de 1928 cabe com certeza a mesma observação. Em todo caso é inegável que nos últimos doze meses a nossa literatura de vanguarda avançou. O pessoal continua a marchar dividido. Não resta dúvida e está certo. Está certo porque a separação prolonga a competição sem jogar este contra aquele. Quero dizer: quando a gente anda por força das circunstâncias com quem só concorda no objetivo vago a alcançar sem ter nenhuma afinidade pessoal a coisa acaba logo em briga estéril. Por isso é preferível que cada um tome o seu caminho. Se no fim todos se encontrarem em Roma muito bem. E se não se encontrarem fica sempre o caminho andado. O que é muito melhor do que ficar no meio da estrada medindo força.

Em 1928, com efeito, a divisão entre os grupos se acentuou bastante. Já se pode distingui-los perfeitamente e dar a cada um o que é seu. Os novíssimos já aparecem o mais das vezes com destino certo. Não ficam na encruzilhada correndo para cá e para lá. E os novos ganharam em altitude. Viraram espigões divisores das águas. É verdade que muito menino vive se equilibrando na lombada deles. Mas é questão de minutos: daqui a pouco rolarão lá de cima.

### Expansão do Movimento Moderno

O movimento que há três ou quatro anos se desenvolvia entre São Paulo e o Rio toma hoje o Brasil inteiro. Creio mesmo que nunca houve nesta terra uma expressão literária tão forte. O modernismo se transformou em escola e talvez seja isto o seu maior defeito. Como era inevitável, muita gente quis ir na onda. E se afundou na gostosura do

---

<sup>1</sup> Antônio Castilho de Alcântara Machado d'Oliveira (1901-1935) - autor de *Pathé-Baby* (1926, crônica de viagem), *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927, contos), *Laranja da China* (1928, contos), *Mana Maria* (1936, romance póstumo) e *Cavaquinho e saxofone* (1940, crônicas e ensaios póstumos). Foi um dos fundadores das revistas *Terra roxa & outras terras* (1926), *Revista de antropofagia* (1928) e *Revista nova* (1931).

verso livre. São os parasitas. Mais duas gerações e acabarão. Quando houver entre nós uma consequência actualista (como já houve uma parnasiana e uma romântica) quem não a possuir entregará os pontos. Hoje não é possível ainda bater a porta no nariz dos peneiras.

Servem de consolo as surpresas autênticas. Em 1927, foi Cataguazes por exemplo. Em 1928 são várias: Parahyba (José Américo de Almeida), Maceió (Jorge de Lima), Recife (Ascenso Ferreira), Ponta Grossa (Brasil Pinheiro Machado). E gente que só poucos já sabiam forte, deu prova pública de seu muque: Augusto Frederico Schmidt e Yan de Almeida Prado, para só citar dois.

Além disso, alguns dos dianteiros chegaram a um ponto antes atingido, firmando melhor a individualidade deles, dando à sua arte uma feição que não é mais de procura mas de cousa achada e estável.

Assim o balanço do ano permite distribuição de dividendos. Há lucros positivos e não tão somente esperanças. E aqui como num relatório não será inútil chamar a atenção dos interessados para certas parcelas que engrandecem o activo.

### **São Paulo**

São Paulo continua sendo um dos centros maiores do movimento. Nesse sentido, se conserva ao lado do Rio bem na frente dos outros. Ou antes: nele nascem, para ele convergem e dele se irradiam algumas das melhores forças da literatura nova.

O que se deve em boa parte a Mário de Andrade. O afamado autor de *Paulicea Desvairada* é de fato um foco de atração inelutável, uma espécie de Miramar do modernismo. A gente gosta de frequentá-lo e combinar encontros nele. Ainda mesmo que chova.

Pois 1928 foi para Mário um ano felicíssimo. Poeta, prosador e crítico, publicou um livro de versos, uma história e um ensaio sobre música brasileira. Cada qual representa no seu gênero o que o autor fez até agora de mais completo. São três obras que oferecem à crítica uma visão muito segura desse artista tão vário e tão discutido.

*Clã do Jabuti* é o suco de um lirismo que veio se apurando desde a *Paulicea Desvairada*. O que esse livro de combate pronunciava e *Losango Cáqui* preparou no *Clã do Jaboti* surge puro e claro. O poeta brasileiro atinge ao seu ponto de bala. Realiza até o milagre de ser brasileiro do Brasil e não desta ou daquela região. Cantador da

cidade e do mato, repetiu no verso a unidade política da terra. Vagabundo em Minas, acalentando o seringueiro ou gozando o carnaval do Rio não é mineiro, nem amazonense nem carioca. E não é paulista. Nada é nada disso porque é tudo isso. Nasceu realmente no Brasil o que é mais raro do que se pensa. E sente o Brasil como ninguém. É uma voz. Mas tem todos os sotaques. E consegue ter sem preocupações nacionalistas. Como os índios do Mato Grosso de que fala o salesiano Nicolau Badariotti acredita que o Brasil seja todo o mundo. Daí a sua liberdade. Não acreditando na existência da pátria e das pátrias, a arte dele quebra todos os limites. Vive solto no mundo.

A prosa de *Macunaíma* possui uma importância quase igual à do valor deste como obra de ficção. É a fala suculenta do homem da terra. A história do herói sem caráter (sem nenhum caráter) tem a grandeza e a significação de um poema nacional. A sem-vergonhice do *Macunaíma* pinta o sete por toda esta imensidade. E o tipo vive até certo ponto a nossa aventura de pais menino. A infância dele e a cena da macunha são dois capítulos admiráveis de invenção e vigor expressivo. O estilo meio bárbaro e meio ingênuo possui cor e cheiro. Os períodos dançam, sapateiam, rebolam. Sua sensualidade. Depois a feição anedótica e lendária do livro lhe dá um gosto tão gostoso que ele parece criado pela imaginação popular, história anônima formada através de gerações. *Macunaíma* faz um rasgão na nossa literatura. Para achar o tesouro é preciso de hoje em diante passar por ele com certeza.

O ensaio sobre música brasileira é trabalho notável de investigação e de comentário. Além de contribuição inteligente para o estudo do nosso folclore, contém numa introdução os pontos de vista do autor sobre os nossos problemas de música e arte geral. Pontos de vista que pedem discussão, sugerem outros, descobrem perspectivas novas. Impregnados daquele individualismo apaixonado que Mário põe em tudo quanto escreve.

Menotti Del Picchia publicou *República dos Estados Unidos do Brasil* e Cassiano Ricardo *Martim Cererê*. Ambos tocam no mesmo piano. Mas não a quatro mãos. Cada um por sua vez. No fundo coincidem pela nota nacional. Porém o repertório de Cassiano é mais estudado. O poeta não toca de improviso e ao menos sabe se conter no momento que julga necessário. Menotti não. Começa uma valsa e de repente a valsa vira marcha. Às vezes chega a esmurrar o teclado. Olha o café: de Julia Paternostro e cartazes de Paulo Mendes de Almeida constituíram estreias dignas de registros. O último pertence a um grupo que na Faculdade de Direito está revivendo à moderna

tempos antigos de agitação e barulheiras literárias. Carne verde e Martinelli e outros arranha-céus morreram logo depois do primeiro número mas já fizeram muito aparecendo pois revelaram Julio Tinton, Eduardo Pellegrini e outras esperanças novas.

Em Maio nasceu a *Revista de Antropofagia* que com Raul Bopp já conseguiu levar até o oitavo número e está com o jeito de viver mais outro tanto pelo menos. Esse jornalzinho tem tido a felicidade de reunir colaboração de todos os pontos do Brasil, valorizando-se com nomes feitos e dando em primeira mão mais de um escritor de talento. Basta citar (dentro os que nele já publicaram excelente prosa e excelente poesia): Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Prudente de Moraes Neto, Mário de Andrade, Augusto Meyer, Álvaro Moreira, Carlos Drummond de Andrade, José Américo de Almeida, Plínio Salgado, Luís da Câmara Cascudo, Jorge de Lima, Menotti Del Picchia, Jorge Fernandes, Yan de Almeida Prado, Ascenso Ferreira, Henrique de Rezende, Rui Cirne Lima, Oswaldo Costa, Mario Gracioti, Brasil Pinheiro Machado, Rosário Fusco, Peryllo D'oliveira, Abgar Renault, Ascânio Lopes, Guilherme César e Achilles Vivaqua (que aliás reuniu numa brochurazinha os seus versos de principiante muito inferiores aos que tem escrito ultimamente.

### Rio

Augusto Frederico Schmidt fez uma entrada estupenda na poesia nacional com o seu canto de brasileiro. Estupenda por que personalíssima sobretudo. Não há no seu poema nenhum ponto de contacto com qualquer das fórmulas já vulgarizadas pelos que o antecederam na reação moderna. O caminho como o ponto de partida são inéditos. Schmidt é na poesia o novo realmente novo da segunda geração. E creio que seu papel será cada vez mais importante no movimento. Quem começa assim tem muito campo por onde andar. Impulso tão forte leva longe.

O grupo da *feira* (publicação que parece morta) trabalhou também este ano. Tasso da Silveira principalmente deu saída sem descanso ao seu ardor combativo, escrevendo dois livros e artigos sem conta.

Movimento, sob a direção de Renato Almeida, publicou em Outubro o seu primeiro número. Revista serena e séria de critica e informação, representa um esforço excelente para a apuração de ideias espalhadas em 1922. Continua sob certo aspecto a *Revista do Brasil* (segunda fase) e Deus queria que tenha destino mais infeliz.

A serie dos *Estudos* de Tristão de Athayde, aparecida recentemente, compreende as crônicas publicadas em 1927 no *O Jornal*. O crítico (toda gente sabe) é dos melhores que temos tido. Estudioso tenaz de todos os assuntos, julgador desapaixonado e seguro é o comentador inteligente da literatura brasileira de hoje. Os volumes de seus *Estudos* são indispensáveis para a compreensão de que somos e pretendemos ser porque neles a análise não fica na crosta: descobre as intenções, compra, esclarece e conclui.

### Rio Grande do Sul

No sul brasileiro (cuja literatura mereceu há pouco uma conferência de Plínio Salgado) a poesia tem hoje uma de suas forças graças a Augusto Meyer, Rui Cirne Lima e Vargas Neto entre outros. O primeiro publicou *Ciraluz*. Versos tesos, machos, incisivos. O poeta não tem meiguices lambidas. Não disfarça a ideia: apresenta-a logo de saída. A maneira dele é direta. Augusto Meyer canta alto e bonito. Depois entre o pensamento e o canto não tem brecha alguma para o palavreado entrar.

Rui Cirne Lima é mais contemplativo, mais calmo. A poesia da *Colônia Z* e outros poemas parece chuva caindo quando a gente está dentro de casa sem querer sair. Faz bem para os nervos. Depois tudo fica lustroso, contente, sorrindo.

Vargas Neto é o violeiro dos pagos. Sempre pitoresco e apaixonado. A poesia foge muitas vezes do regionalismo apartado de forma que pode ser sentida e gostada fora da terra de sua inspiração.

### Paraíba

A *Bagaceira* de José Américo de Almeida é o romance do retirante. O desgraçado deixa a caatinga tostada pela seca e vai matar a fome no brejo. Larga o campo pelo engenho. Livro cruel do nordeste sertanejo, feito de impressões ásperas, sem poupar nem a terra nem o homem. De um realismo que surpreende e queima. A *bagaceira* deu ao Brasil um escritor interessantíssimo, empolgante até nos defeitos. O leitor vai tropeçando pelas páginas. Passa sem intervalo dos devaneios introspectivos de Lúcio ao cotidiano impiedoso e fatal das cenas chulas, da trabalhadeira servil, das desgraças esperadas e iniludíveis.

### Pernambuco

A *bagaceira* é o romance do nordeste. A poesia é o *Catimbó* de Ascenso Ferreira. Esse moção alto e corpulento, pernambucano sadio, franco e exuberante. É um trovador legítimo. Os versos dele têm o ritmo e o sabor da canção do mato. Poeta que não nega o chão, espontâneo e melodioso, falando uma língua pitoresca, usando tropicalismo por todos os poros. Ascenso trouxe para a poesia nova uma contribuição inestimável. É o motivo da terra original, puro, ingênuo.

### Alagoas

Na capital de Alagoas mora Jorge de Lima, autor dos *Poemas* e da *Negra Fulô*. Sujeito inteligente, sensível como poucos, cansado de fazer sonetos perfeitos, um belo dia abriu os olhos para a realidade de fora e de dentro. Então ficou bem. Ficou ótimo até. *Negra Fulô* é poesia que dá gosto. Porque é tão nossa, tão como a gente precisa e procura, significa tanta coisa que não se esquece mais. Um coco irresistível.

### Minas

Agora vou falar de Cataguazes, surpresa de 1927. Primeiro se revelou com a *Verde* que este ano saiu vermelha. Depois com os *Poemas Cronológicos* de Henrique de Rezende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes. Primeiro é o mais velho (ou o menos moço) e a gente percebe isto logo. Só diz o que quer. A construção é tudo quanto se pode desejar de mais sólido e bem acabado, já chegou a esse ponto de equilíbrio em que a expressão nunca traz a intenção. E esta sempre vale. Rosário Fusco adivinha. Por isso ponho nele uma esperança bem grande. Menino barulhento e inquieto tem muito que falar. Nem audácia lhe falta. Muito pelo contrário: é coisa que lhe sobra. Gosta de procurar e procurar os bons lugares. Achar é questão de tempo, de muito tempo. Ascânio Lopes parece mais fechado, mais não me toques, mais sossegado. A sensibilidade dele é aguda. Menino como Rosário Fusco, tem como este futuro garantido. Malicioso e inteligente, mais dia menos dia surge aí certeza indiscutível.

### Paraná

De Ponta Grossa Brasil Pinheiro Machado entrou também no movimento com que conta, cheio de paisagens e flagrantes curiosos. Possui mesmo uma maneira sua de sentir e realizar, um jeito de apresentar o contraste, de botar uma porção de coisas em cinco versos.

\*\*\*

Este balanço eu quis fazer de memória. Sem abrir um livro. Não para provar a inutilidade das estantes. Mas para mostrar que coisa boa a gente guarda mesmo sem precisar de notas. O que não quer dizer que faltando algum nome a culpa não seja minha. É minha sim. O Brasil é grande demais. A produção literária perde-se nas distâncias. Em todo o caso o que faltar é sempre parcela do ativo.